



# REVISTA NOSSO TEMPO

VOLUME II • NUMERO V • JANEIRO/ABRIL 2026



**UMA VEZ  
REDENTORISTA**

**SEMPRE  
REDENTORISTA!**

## **TEMPO DE CUIDAR!**

**DEUS CONTINUA NOS CHAMANDO E  
SANTO AFONSO PERMANECE  
NOS INSPIRANDO!**

ORGANIZADOR  
José Ribeiro Leite

SUPERVISÃO EDITORIAL  
Prof. Dr. Jonival Côrtes

CONSELHO EDITORIAL  
Prof. Dr. Laurindo Cisotto  
B.a. Davi Borges  
B.a. Luiz Cássio Serraglio  
Prof. L.a. Hilário R. Coutinho

REVISÃO DE TEXTO  
Prof. Me. Baltazar A. de Oliveira  
Prof. Me. José R. Leite  
Profª . L.a. Maria de L.A. de Moura, Mali

PROJETO GRÁFICO  
Simone Godoy

REVISTA UNESER - EDIÇÃO 2026

# SUMÁRIO

Editorial	
<b>Tempo de Cuidar e Aprender Com o Passado</b> .....	4
José Ribeiro Leite – Paraíba	
<b>A Amizade Tem Como Missão Não Cancelar</b> .....	7
Jonival F. Côrtes - Goiano	
<b>Cuidar é Preciso</b> .....	9
Laurindo Cisotto	
<b>Campanha da Fraternidade de 2026: Fraternidade e Moradia</b> .....	14
Bibiano Filho	
<b>A Literatura do Futuro Com a Inteligência Artificial</b> .....	16
Pe. João de Deus de Souza	
<b>A importância da Experiência Pessoal Com o Redentor na Formação e Identidade do Ser Humano</b> .....	19
Ronan Henrique de Borba	
<b>O Amor à Cultura e o Desejo de Deus</b> .....	23
Ana Lydia Sawaya	
<b>Aprendendo Com o Passado</b> .....	26
Domingos Zamagna	
<b>A Estrela Verde</b> .....	29
Mauro Paulino de Moura	
<b>Seminário São José - Lembranças/Saudade</b> .....	31
Por: Marçal Sebastião	
<b>Tio João</b> .....	33
Gilberto Alves Rodrigues	
<b>“Por Causa de Uma Tripa, Perde-se Uma Barrigada”</b> .....	35
José Ribeiro Leite - Paraíba	

A close-up photograph of two hands, one from a younger person and one from an older person, gently cupping a large, smooth, red heart. The background is a soft, out-of-focus yellow and green, suggesting a natural setting. The heart is the central focus, symbolizing care, love, and connection across generations.

# Tempo de Cuidar e de aprender com o passado

José Ribeiro Leite - Paraíba<sup>1</sup>

Estimado leitor e leitora, colaborador e colaboradora, é tempo de cuidar e de aprender com o passado. Desejo encontrá-lo (a) bem, saudável, feliz, com muitos motivos para sorrir e viver. Desejo que a leitura desses textos, de alguma forma, possa nutrir sua existência e proporcionar novas aprendizagens e ajudar no cuidado de si e do outro.

A *Revista Nosso Tempo* voltou: chegou forte, bonita, saudável, bem alimentada e comprometida com seus leitores. Cada artigo traz mensagens que, de alguma forma, quer ser sal e luz para cada um que se preocupa com a vida, individual e coletiva. *Nosso Tempo* quer ser um instrumento de restauração do amor, da fé e do cuidado.

Então é com alegria e esperança que informo a chegada de mais uma edição da RNT. Novo ano, cara nova! Abril, outono, tempo de colher, período da vida em que se caminha para velhice, na espera do novo. As folhas caem, novas folhas nascem. E a vida continua superando o tempo, situações e experiências.

---

<sup>1</sup>José Ribeiro Leite, Paraíba, membro da UNESER, é casado, tem um casal de filhos; professor aposentado; licenciado em Filosofia, mestre em educação; cinco anos enquanto seminarista redentorista, sendo 86 a 88 no Seminário Santo Afonso e 89-90 em Garça, SP.

Curiosidade, abril é o mês com mais de uma centena de datas comemorativas, vale a pena consultar. Aproveitando o contexto da **aprendizagem** e do **cuidado**, cito algumas datas como ilustração: O Dia da Mentira (01), o Dia Internacional da Checagem de Fatos (02), o Dia Internacional da Consciência (05) e o Dia da Educação (28).

### **Cuidado!**

Os verbos **cuidar e aprender** nortearão as edições da RNT no decorrer de 2026, a começar por essa edição. Embora nossos temas sejam livres, procurei extrair e ressaltar as mensagens de **cuidado e aprendizagem**, implícitas em cada artigo, que de alguma forma chamam atenção para as diversas questões que nos cerca.

Embora os temas sejam diferentes, podemos estabelecer uma estreita conexão com a temática sugerida. Cada artigo, com sua particularidade, é um convite à reflexão e ação. Convite a pensar, aprender com a história e agir cuidadosamente frente aos desafios do nosso tempo, que não são poucos.

*A cada um que ajudou a cuidar dessa edição da RNT, meus sinceros agradecimentos.*

De início, Côrtes, presidente da UNESER, de forma clara, objetiva e oportuna, nos convida a **cuidar da amizade**. Convida-nos a revisar nossas atitudes, a aprender a compreender, a dialogar e a perdoar, se possível, para que a amizade não seja cancelada.

Dando continuidade ao nosso propósito, tempo de cuidar e de aprender com o passado, ressalto o texto de Laurindo, intitulado “**cuidar é preciso**”. O autor deixa claro que não só o homem cuida. Fazendo uso de suas experiências, mostra como o verbo cuidar fez e faz parte da sua vida: cuidar da educação, da formação, do ambiente de estudo e da vida.

A Campanha da Fraternidade de 2026 non convidou a **cuidar** da moradia, da casa comum fraternalmente, **cuidando** também daqueles que não têm moradia e/ou que não habitam moradias dignas. O texto de Babiano Filho nos remete a outros **cuidados** a partir do cuidado com a moradia: direitos, saúde, saneamento, autoestima, bem-estar...

Já que cuidar e aprender é preciso, vale tomar **cuidado** com o uso da Inteligência Artificial. Já penou nisso? O Padre João de Deus ficou perplexo com uma leitura que

*“Eu cuido de você,  
você cuida de mim,  
Deus cuida de nós”.*

fez e parti dela apresentou uma realidade preocupante, um novo desafio para o ser humano, o uso da inteligência artificial. Sendo mais específico o uso da inteligência artificial na produção literária futura.

Ronan Henrique nos mostra a importância da experiência pessoal com o Redentor. O autor, enquanto formando por vários anos, aprendeu o necessário para apontar uma série de **cuidados** que devem ser tomados no decorrer da formação, inclusive na formação da identidade.

Talvez seja necessário parar pouquinho para cuidar e pensar sobre o que tem acompanhado e alimentado nosso desejo Deus. Ana Lydia mostra que o desejo de Deus de muitos homens e mulheres, em especial monges e monjas, foi acompanhado pelo amor à cultura e às artes. Curiosidade: o que tem acompanhado o meu desejo de Deus?

Nas entrelinhas de “aprendendo com o passado,” o autor Domingos Zamagna, de forma sutil e crítica, nos provoca e nos convoca a tomar **cuidado** com as retrospectivas de fim e início de anos. Para o autor o tempo é escasso, não vale a pena nos ocupar com redundâncias irrelevantes, mas sim com memória de um passado restaurador do tecido da humanidade, pelo perdão e pelo amor.

Que tal juntar-se ao Mauro Moura e ao seu panapaná, bando de borbuletas ou a panapaná, sua “Bborbuleta Verde”? Este texto nos ensina que é preciso **cuidar** da fé e da esperança. Estas, segundo o autor, são nossas armas para o enfrentamento e solução dos problemas enfrentados pelo o homem.

O artigo elaborado por Marçal Sebastião conta e descreve sua passagem pelo Seminário São José. Seu texto reúne uma mistura de vida, história e melancolia. Ouso dizer que a narrativa de Marçal é um convite ao **cuidado** da história, da memória. Convide a cuidar, a cultivar, a não ignorar o passado.

Vamos saborear “pé de frango” de Gilberto Rodrigues. Juntamente com o pé do frango, vamos saborear o **cuidado** com a valorização do outro, da família; saborear o cuidado em reconhecer a generosidade e bondade daqueles que nos ajudaram a chegar até aqui.

Depois de ter degustado o pé de frango, bora degustar tripa e barrigada, prato oferecido por José Ribeiro. O texto nos convida a tomar **cuidado** com a tripa e com a barrigada, com a parte e com o todo. O recado dado é: **cuidar** da parte para não perder o todo, e cuidar do todo, para não perdê-lo por causa da parte.

*“Eu cuido de você, você cuida de mim, Deus cuida de nós”.*

# A Amizade Tem Como Missão Não Cancelar

**“Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos.” (Jo, 15:13)**

*Jonival Ferreira Côrtes – Goiano<sup>1</sup>*

*Família UNESER, (Ex-seminaristas, padres casados, Irmãos Casados, Diáconos, simpatizantes, apoiadores e apoiadoras, pessoas de bem!)*

Amigos e Amigas da UNESER, neste novo número de nossa revista vai uma pequena reflexão sobre este momento de complexidade em que vivemos. Fazemos uma revista para fortalecer a amizade e a produção dos irmãos e irmãs. A sabedoria de vocês e as práticas cotidianas nos incentivam a continuar. Esperamos que gostem e compartilhem!

A amizade, na idade madura, ganha contornos mais profundos e conscientes. Diferente das relações da juventude, muitas vezes marcadas pela intensidade e pela transitoriedade, as amizades maduras tendem a ser mais seletivas e baseadas em valores sólidos.

Aqueles que passaram por casas de formação redentoristas, bem sabem disso. Nesse estágio da vida, o tempo já ensinou sobre limites, respeito e reciprocidade. Ao

---

<sup>1</sup> Jonival Ferreira Cortes é professor, presidente da UNESER; entrou no seminário São José em Goiânia em 1976, vindo do seminário Santa Cruz, da Arquidiocese de Goiânia; passou pelo Seminário Santa Teresinha em Tietê - SP e São Clemente em Campinas - SP. Coursou Filosofia e História.



mesmo tempo, vivemos em uma sociedade marcada pela cultura do “cancelamento”, que frequentemente rompe vínculos de forma abrupta.

Esse fenômeno, tão presente nas redes sociais, também alcança pessoas mais velhas, ainda que de forma mais sutil. Em meio a tantos grupos de WhatsApp, onde as opiniões e os posicionamentos muitas vezes diferem, as discussões são inevitáveis. Mas, o ódio é perfeitamente evitável. O cancelamento, quando aplicado às relações pessoais, revela uma dificuldade crescente de diálogo e perdão. Onde está a misericórdia?

Na maturidade, no entanto, espera-se que haja maior capacidade de compreender as diferenças e de lidar com conflitos com mais equilíbrio. Afinal, a amizade, nesse contexto, não se desfaz facilmente diante das diferenças.

A música “Como Nossos Pais”, de Belchior, traz uma reflexão importante sobre o tempo e as repetições da vida. Ao afirmar que “o novo sempre vem”, mas que ainda assim reproduzimos comportamentos antigos, a canção dialoga com a forma como lidamos com os outros. Em uma época de complexidade e relacionamentos fluídos, muitas atitudes são guiadas por julgamentos rápidos e pouca escuta. Na maturidade, há a oportunidade de romper esse ciclo, cultivando relações mais fraternas.

O evangelho reforça profundamente o valor da amizade. Em João 15:13, encontramos a passagem: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos.” Esse ensinamento destaca a entrega e o compromisso como pilares da amizade. Não se trata apenas de convivência, mas de presença e cuidado genuíno.

Outra passagem importante está em Provérbios 17:17: “Em todo o tempo ama o amigo, e na angústia nasce o irmão.” Essa ideia reforça que a amizade se prova nos momentos difíceis, não apenas nos períodos de alegria. Na maturidade, essa compreensão se fortalece, pois, a experiência já mostrou o valor de quem permanece.

Diante disso, o **cancelamento** se revela como um comportamento superficial quando comparado à profundidade da amizade, da fraternidade evangélica. Pessoas maduras tendem a valorizar mais o diálogo do que o afastamento imediato. Isso não significa aceitar tudo, mas saber discernir quando vale a pena reconstruir pontes.

A maturidade exerce um papel fundamental para as novas gerações. Os mais velhos podem servir como exemplos de relações mais saudáveis, baseadas no respeito e na paciência. Ao demonstrar que conflitos podem ser resolvidos com diálogo e compreensão, contribuem para uma cultura menos descartável. Para uma cultura de paz!

Além disso, manter amizades na idade madura é essencial para um envelhecimento saudável. Relações significativas ajudam na saúde emocional, reduzem o sentimento de solidão e fortalecem o bem-estar geral. Amigos tornam-se uma rede de apoio fundamental ao longo do tempo. O espírito se fortalece compartilhando saberes e equívocos.

Assim, entre discordâncias e concordâncias nas redes sociais, a maturidade convida a uma revisão das atitudes. Mais do que **cancelar**, é preciso aprender a compreender, dialogar e, quando possível (para o cristão sempre é possível), perdoar.

Como sugere a música citada, o tempo passa, mas cabe a cada geração decidir se repetirá os mesmos padrões ou construirá novos caminhos.

# Cuidar é Preciso

“A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele” (ARENDDT, 2005).

Laurindo Cisotto<sup>1</sup>



## 1. Das próprias crias

Cuidar é um verbo potente! Porque implica em uma ação de alguém para outro alguém, no sentido de zelar, proteger, cultivar, etc.

A espécie animal, para existir e se desenvolver, carece de ser cuidada. Vamos começar pelas aves.

Há poucos dias um casal de pombos silvestres fez seu ninho num lugar inusitado de nossa casa: aos pés de um feixe de varas de pesca. Pensava acerca da razão dessa ave escolher este lugar e acerca da simplicidade ao usarem ramos tão rudimentares para construírem o ninho onde chocariam seus ovos. Pode-se concluir que era um ambiente seguro de predadores.

No desenrolar do nascimento e crescimento dos filhotes, percebi que o casal sempre estava no ninho, um ou outro, ou ambos muito juntos e cúmplices. Um dos filhotes demorou mais tempo para colocar as penas e os pais deram assistência constante. Certo dia, percebi que seria necessário ter muita atenção para distinguir os genitores de sua cria. O tamanho era o mesmo. Mas, logo “bateu as asas e voou”.

Eu gostava de passar por perto e mexer/ conversar com os pais. A resposta era muito expressiva ao ver os olhos dos genitores bem atentos! Creio que este seja o código do cuidado que os pombos têm com seus filhotes.

---

<sup>1</sup> Laurindo Cisotto é casado há 31 anos com Alvina Uller Cisotto; seminário redentorista: 1984 a 1989; formado em Filosofia e História pela Universidade São Francisco / SP, Pedagogia Faculdade Prof Carlos Pasquale, Direito - Universidade São Judas – ISJTSP; Mestrado e Doutorado em Educação: Currículo - PUC/SP; é professor Educação Básica e Ensino Superior.



Veja na foto o olhar da ave!

Decorridos, aproximadamente, uns dois meses, lá estava o casal de pombos reivindicando o mesmo espaço para novas crias, quando este texto ainda estava em produção!! Nem tive tempo de pescar! (rsss)

A respeito do mesmo cuidado, já tentou botar a mão onde a galinha choca os ovos ou pegar um de seus pintinhos? Imagino como seria esta cena. No mínimo levaria umas bicadas para avisar que não se atrevesse a mexer na ninhada.

A vaca, quando cria, não arreda os “pés” do seu rebento. Quando há alguma ameaça, o rebanho resiste. Muge forte!! Isso não é diferente entre os felinos, entre a cadela e suas crias.

Também o ato de alimentar seus filhotes é impregnado de certo cuidado-ternura.

Podemos concluir que essas espécies têm suas armas de defesa quando suas crias sofrem alguma ameaça e as nutrem de todos os cuidados.

## 2. Da criação

O primeiro livro da Bíblia traz a narrativa da Criação e insere, no Capítulo 1, a missão que Deus dá ao homem e à mulher para que cultivem, cuidem, zelem de todos os seres vivos. Ainda, a orientação imperativa para cuidarem a não comer do fruto da árvore que ficava no centro do Jardim (Gn 3,1-5). Nota-se, nessa narrativa, um mandado categórico acerca do cuidado.

Desse relato, chegamos aos escritos do saudoso Papa Francisco, na Encíclica *Laudato si* (2015), quando admoestou a todos nós acerca do cuidado com a “Casa Comum”, a Terra, a qual está sendo DEScuidada. Em Romanos, 8,22, o apóstolo Paulo

descreve a espera da natureza pela libertação, na qual “toda a criação geme e sofre dores de parto”, pois vem sofrendo sob os efeitos do pecado.



<https://www.edicoescnbb.com.br/carta-enciclica-laudato-si-sobre-o-cuidado-da-casa-comum-documentos-pontificios...>

### 3. Da Educação

Muitos de nós que experimentamos a vida em seminário [...] Faço uma pausa para refletir a respeito desse termo, com os diferentes significados que depreendemos (polimorfia). Dentre esses significados, quero me ater ao espaço formativo do clero, que é, de fato, um ambiente de cultivo, cuidado, zelo, da semente colocada no coração do vocacionado. Lembro-me que dessa vivência no seminário, especialmente nos momentos de estudo, logo percebi o gosto pela aprendizagem.

Gostava muito de estudar com os colegas, amava Química. Talvez porque no ambiente da escola o professor Marco Aurélio (querido Marcão) cultivou em nós aquilo que estava latente: o interesse pelo saber. E são muitas as memórias sobre as aulas, até mesmo de seu relato de como ele se comportou em um experimento no laboratório quando era estudante. Em suas palavras notava-se a inserção de determinada orientação sobre o cuidado com o ambiente de experimentação.

Esse cultivo do chamado levou boa parte de nós seminaristas ao entendimento de que era possível desenvolver o cuidado com o ensino-aprendizagem em outros ambientes. A escola acabou nos escolhendo. Confesso que demorei para perceber que estava sendo chamado para o exercício da educação escolar. E lá se foram mais de 30 anos!! A formação acadêmica foi minha aliada nesse tempo.

### 4. Da formação

Os primeiros cuidados com a formação da pessoa começam em casa!! Na família! Longe de ser um discurso politizado – muito pulverizado em todos os ambientes – é neste ambiente que ocorre a educação para os valores, para os princípios fundamentais da convivência entre a espécie e o cuidado com a “Casa Comum”.

Toda vez que me lembro de meus pais, recordo dos ensinamentos deles para os valores, primeiramente pelo testemunho. A família numerosa e a situação de pobre-

za contribuíram, significativamente, para entender que era possível dividir, respeitar, cuidar do outro. Muita gratidão ao nosso pai Victório e à nossa mãe Pedrilha. Até os últimos dias da vida testemunharam entre nós e souberam cultivar os princípios fundamentais para nos tornarmos uma pessoa de bem.

A vida profissional, na escola, como professor, diretor, coordenador, orientador, depurou e fez desenvolver aquilo que tinha sido semeado e cultivado na 1ª infância, saber dividir, respeitar, cuidar da vida.

Compreendendo melhor o itinerário que fiz, agora na “melhor idade”, atesto que podemos ser presença qualificada para os/as que cuidam da educação escolar, principalmente, quando há gestão compartilhada. Penso num símbolo que ajuda a compreender essa profissão-missão que é o de uma vela que vai queimando e se consumindo pela entrega do melhor de nós. E, sabemos que a vida na escola é intensa e tensa. Ali, confrontamos sentidos, significados, como já traziam os teóricos curriculistas Michael Apple, Henry Giroux, Gimeno Sacristán, Peter MacLaren, Paulo Freire, Tomás Tadeu da Silva, tantos outros/as.

Muitas vidas se encontram na escola nos seus diferentes papéis: gestores, professores, pais, estudantes. É um ambiente de luta por sentido e significados. Sendo lugar de vidas, precisa de cuidado!

A propósito, quando cursávamos Filosofia, o campo da licenciatura trouxe presente vários estudiosos da educação no Brasil. Uma das obras, daquele momento, interpelava para esse cuidado com a educação escolar, que recomendo, por ter sua atualidade. O título é um imperativo: **Cuidado Escola!**



<https://www.estantevirtual.com.br/livro/cuidado-escola-desigualdade-domesticao-e-algumas-saidas>

As pesquisas de mestrado e de doutoramento (PUC/SP) confirmaram o entendimento de que a escola contribui na constituição das identidades e subjetividades, na construção do devir dos/as estudantes num movimento de fazer-se. Provavelmente, muitos de nós, trazemos memórias vivas desse trabalho docente em que fica explícito

o DEVER DE CUIDAR. Há autores que entendem a prática docente como uma maternagem, com a devida explicitação, para evitar o entendimento simplista de que é um exercício desprovido de profissionalidade.

Um aspecto que me parece bem importante explicitar é o que diz respeito ao trabalho docente ancorado em um processo constante de ação-reflexão-avaliação-ação.

Em vista de uma sociedade, um mundo que está em constante transformação, o/a docente precisa estar ciente de que sua formação deve ser permanente e de que seu trabalho, em alguns momentos é solitário. Mas, em grande medida, a garantia da qualidade dessa prática estará na escuta atenta, no trabalho em equipe e no seu fazer-se constante.

A educação quer familiar, quer escolar, é um TEMPO FORTE PARA CUIDAR!!

## Referências

ARENDRT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

**BÍBLIA SAGRADA**. Edição Pastoral, São Paulo: Paulus, 2004.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si'**: Sobre o Cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulus, 2015.

Harper, B., Ceccon, C., Oliveira, M. D. de, & Oliveira, R. D. de. (1980). **Cuidado, escola! Cadernos De Pesquisa**, (35), 92. Recuperado de <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1657>.

**Simone Santos de Albuquerque, Jane Felipe e Luciana Vellinho Corso**: Organizadoras da obra *“Para Pensar a Docência na Educação Infantil”* (2019), que reflete sobre a especificidade do trabalho educativo com crianças pequenas, o qual envolve o cuidado (maternagem) e a educação.

**Autores da Abordagem Pikler (referenciados por Andréia Ginante)**: A abordagem de Emmi Pikler, frequentemente discutida por pesquisadores da educação infantil, valoriza o cuidado (trocas de fraldas, banho, alimentação) como um momento de construção de vínculo afetivo e aprendizagem, essencialmente um tipo de maternagem técnica/pedagógica

<https://www.google.com/search?q=autores+que+tratam+a+pr%C3%A1tica+docente+como+maternagem+na+educa%C3%A7%C3%A3o>



## Campanha da Fraternidade de 2026: FRATERNIDADE E MORADIA



Bibiano Filho<sup>1</sup>

A Campanha da Fraternidade (CF) constitui-se como um profundo movimento de conversão e reflexão durante o tempo da Quaresma, convocando os fiéis à prática do jejum, da oração e da caridade. Seu propósito central é despertar a solidariedade e converter a sociedade à luz do Evangelho, estruturando-se na renovação espiritual da Igreja e no engajamento social diante de problemas urgentes como a pobreza e a desigualdade.

Em 2026, a CNBB apresenta o tema “Fraternidade e Moradia” e o lema “Ele veio morar entre nós” (Jo 1,14), focando na habitação digna como um direito fundamental e condição essencial para a dignidade humana.

A urgência deste chamado é reforçada pelo alarmante panorama brasileiro, onde o déficit de 5,9 milhões de moradias se soma a 26 milhões de lares inadequados. Nesse cenário o Amazonas enfrenta uma grave crise habitacional, ocupando a terceira posição no déficit nacional com cerca de 177 mil domicílios em situação precária, de coabitação ou alto custo de aluguel.

Manaus é o epicentro, com demandas por 100 mil a 119 mil novas moradias além de apresentar um dos contextos mais críticos e simbólicos do país. A capital

<sup>1</sup> Bibiano Filho é professor e leigo redentorista. Sua trajetória é marcada pelo serviço público, onde exerceu os cargos de Vereador e Secretário Adjunto de Educação do Estado, sempre pautado por uma política ética e solidária. De formação seminarista, traz os valores cristãos para a luta social e a promoção do bem comum. Atualmente, contribui com a Arquidiocese de Manaus através da equipe de coordenação da Escola de Fé e Cidadania, da Comissão em Defesa dos Igarapés e do Grupo de Animação da Campanha da Fraternidade.

amazonense, marcada por sua geografia de águas, vê o drama habitacional manifestar-se severamente nas margens dos igarapés.

Milhares de famílias residem em palafitas e construções precárias que, embora representem a única alternativa de teto, expõem os moradores a riscos constantes de inundações, falta de saneamento básico e doenças. Essas moradias, encravadas em áreas de preservação, evidenciam a face mais cruel da exclusão urbana: o conflito entre a necessidade de sobrevivência e a preservação da “casa comum”.

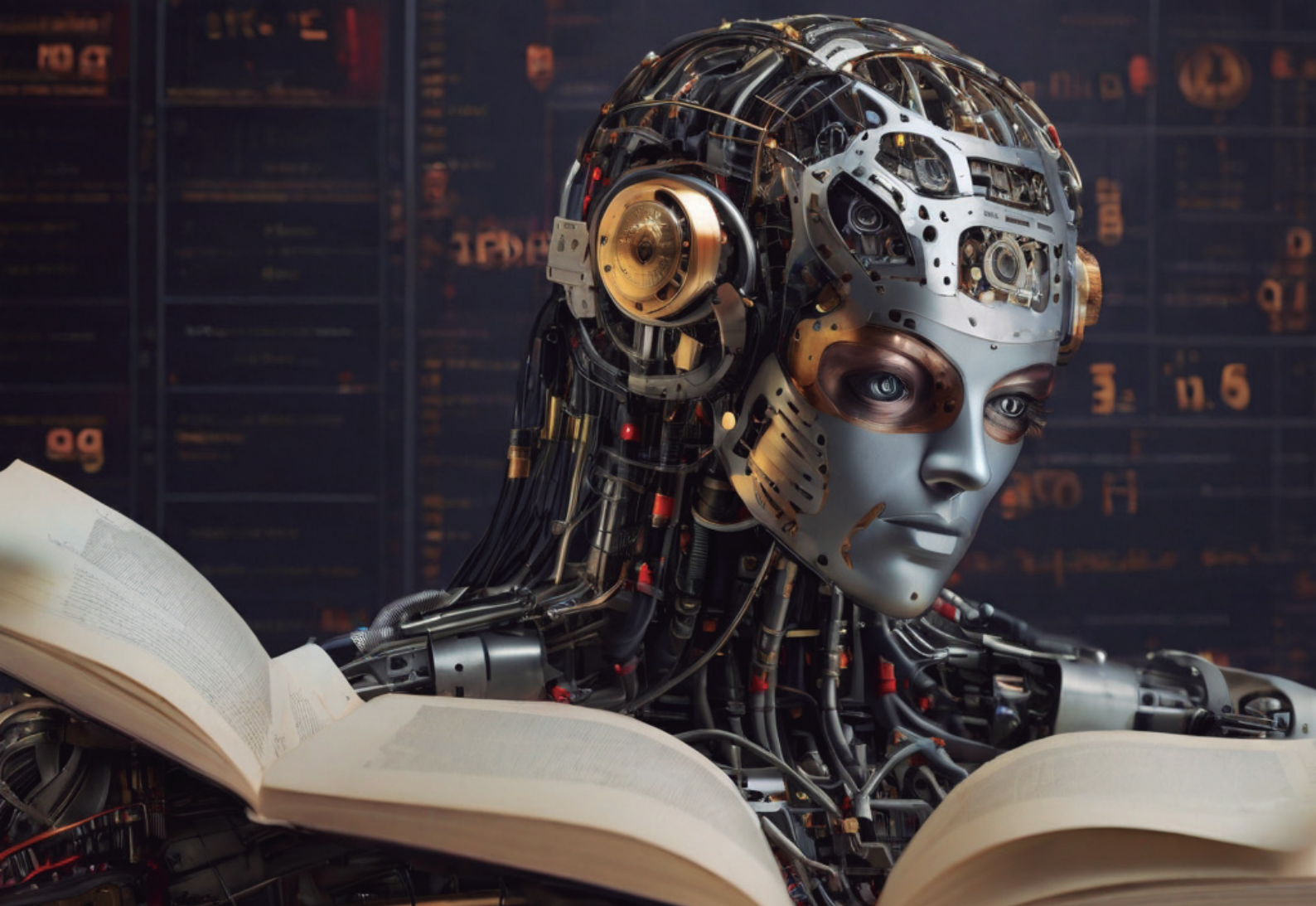


Com um déficit estimado em mais de 100 mil moradias, Manaus lidera, segundo o Censo 2022 do IBGE, o índice de população vivendo em comunidades urbanas e áreas de ocupação informal. A realidade dos igarapés exige uma abordagem de ecologia integral, onde a justiça social deve caminhar junto à recuperação ambiental.

Não se trata apenas de remover famílias, mas de garantir que o reassentamento preserve vínculos comunitários e ofereça infraestrutura digna, integrando essas pessoas à cidade formal com segurança e cidadania.

Diante disso, a colaboração da sociedade civil e das instituições religiosas é o motor da transformação. A participação em Conselhos Municipais e a revisão do Plano Diretor de Manaus devem priorizar a demarcação de Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS) nessas regiões, protegendo os moradores e facilitando a Regularização Fundiária (REURB). Através da Lei Federal 13.465/2017, associações podem buscar o título definitivo, garantindo segurança jurídica contra despejos e acesso a crédito para melhorias habitacionais.

As paróquias e comunidades de fé, em sintonia com a CF 2026, assumem um papel de mediação e acolhida. Elas podem atuar como centros de educação em direitos, orientando as famílias dos igarapés sobre políticas de habitação, como o programa “Amazonas Meu Lar”, e pressionando para que o controle de imóveis vazios no centro histórico amplie a oferta de moradia em áreas já urbanizadas. Assim, ao olhar para as margens dos nossos igarapés, a Campanha da Fraternidade nos convoca a reconhecer que garantir um lar seguro é, acima de tudo, um ato de fidelidade ao Deus que escolheu morar entre nós.



# A Literatura do futuro com a Inteligência Artificial

Pe. João de Deus de Souza <sup>1</sup>

Ao ler um artigo sobre a inteligência artificial, na folha de SP, em 05.10.25, escrito por Rodrigo Tavares, professor catedrático na Nova School of Business and Economics, em Portugal, me deparo com quatro hipóteses sobre o livro escrito com auxílio da inteligência artificial. Vamos às abordagens.

A primeira abordagem, a mais provável, segundo o autor do livro citado, é a da **coautoria**. O escritor não delega a tarefa de escrever nem nega a sua voz, mas usa a IA como prolongamento experimental da sua própria imaginação. O processo criativo deixa de ser um ato solitário e se converte em uma operação dialógica, quase socrática, em que a pergunta do autor encontra, imediatamente, a resposta da máquina e esta, por sua vez, devolve novas perguntas.

---

<sup>1</sup> João de Deus de Souza é Padre, Filósofo, Psicólogo, Psicanalista, Escritor. Salvador – BA.

A segunda hipótese é uma **resistência**, ou seja, os livros na forma atual poderão se converter em artefatos de luxo, carregando a marca da lentidão, da limitação e da falibilidade.

A terceira hipótese é a do livro escrito **exclusivamente pela IA**, porém, validado pelo escritor. Nesse caso, agentes da IA poderão ser programados para capturar o idioleto de um autor (a maneira como uma pessoa fala, diferente de outras pessoas que falam a mesma língua), analisando todas as suas obras, as suas publicações na mídia, enfim, tudo o que alguma vez escreveu e disse.

A quarta hipótese – é de assustar – é o **livro escrito em tempo real**, à medida que o leitor lê, de acordo com a interpretação que a máquina faz das suas reações, captadas por sensores de leitura ocular, ritmo cardíaco e até variações de expressão facial. Um livro que sente.

Curioso, quis saber um pouco mais da IA sobre essas quatro hipóteses, principalmente, a última, que me deixou embasbacado. Como um livro pode ser escrito à medida que o leitor o lê? Recebi uma resposta que me deixou pasmado:

- A Inteligência Artificial e a revolução da computação emocional abrem um novo tempo: o do livro capaz de sentir, de reagir às emoções do leitor e, mais que isso, escrever-se enquanto é lido. A palavra, pela primeira vez, deixará de ser estática para tornar-se viva, mutante, interativa – um organismo sensível à presença humana.

A IA explica que a interligação entre ela e a neurotecnologia abre caminho para essa transformação. E lembra que óculos inteligentes, telas interativas e relógios digitais já conseguem registrar expressões faciais, batimentos cardíacos, variações de voz e até dilatações das pupilas. “Os sinais, interpretados por sistemas de computação afetiva, revelam estados emocionais – tristeza, alegria, tédio, entusiasmo, angústia – e podem ser convertidos em comandos criativos”.

Imaginem um romance que muda de tom ao perceber a melancolia do leitor, ou um poema que floresce quando a alegria se manifesta. Mais um susto: o texto, ao sentir, passa a responder. “Abre-se, então, o ciclo da chamada “IA emocional”, capaz de interpretar sinais fisiológicos e ajustar respostas em tempo real, tecnologia que transformará o livro em uma entidade interativa, em que cada página é escrita pelo cruzamento entre algoritmo e afeto. A leitura deixará de ser ato passivo: converter-se-á em um diálogo emocional entre o leitor e a máquina narrativa”. O impacto será profundo. Cada leitor passará a viver uma história única, impossível de repetir.

É o caso de perguntar: quem será o autor? Se o texto nasce das emoções do leitor da inteligência da máquina, o conceito tradicional de autoria é anulado. O escritor (a) humano continuará a existir, mas seu papel será de curador de experiências, o arquiteto de um campo de possibilidades. Cada leitura completará a obra, tornando o leitor um coautor involuntário. A literatura do futuro será circular: o livro escreverá o leitor enquanto o leitor escreverá o livro.

Quem garantirá o sigilo das informações do livro? Quem controlará os dados das

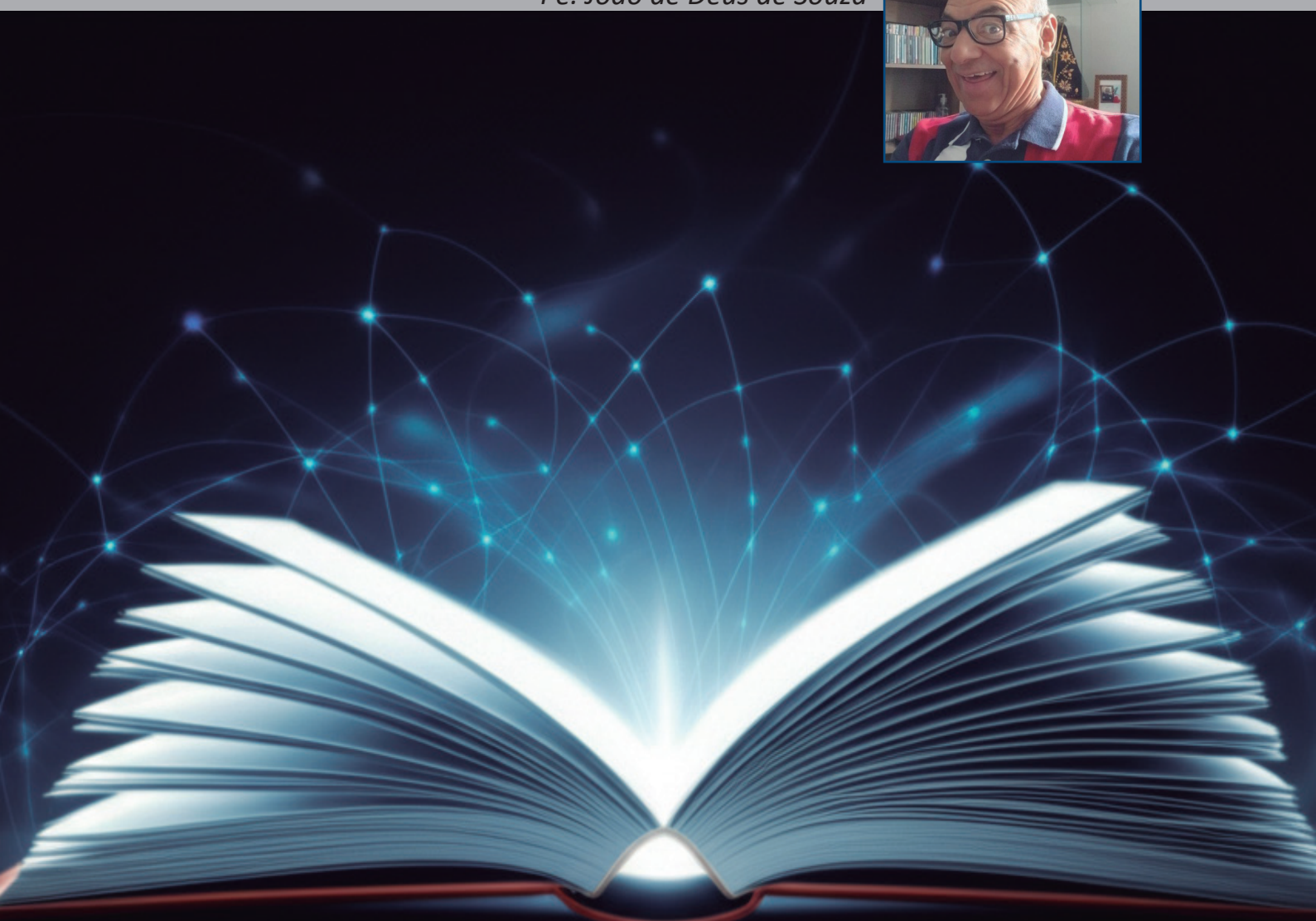
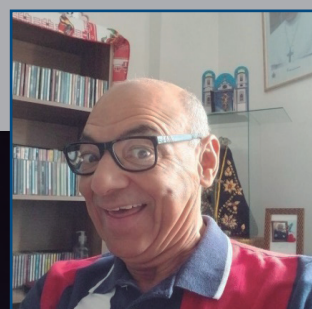
emoções humanas convertidas em texto? Até que ponto a emoção pode ser digitalizada sem perder sua essência? A literatura, que sempre nasceu da liberdade, pode ser convertida em produto algorítmico a serviço da vigilância? Seria um grande desastre se isso fosse possível.

A possibilidade de um livro que respira com o leitor devolve à leitura algo que o mundo digital havia apagado: a intimidade. Ler sempre foi um ato solitário compartilhado entre a mente do autor e a imaginação do leitor. “Essa solidão será acompanhada no futuro, bem próximo, por uma presença invisível, uma inteligência que observa, interpreta e cria. O livro, enfim sentirá conosco”.

Quando esse ciclo for aberto, a experiência literária ultrapassará o campo das palavras. Cada emoção será matéria-prima da escrita; cada respiração, um ponto de inflexão na narrativa. O leitor poderá descobrir-se em meio ao texto, ver suas próprias inquietações refletidas na página.

A literatura cumprirá de modo radical, sua missão primordial: a de traduzir a alma humana. O futuro já chegou.

*Pe. João de Deus de Souza*





# A importância da Experiência Pessoal Com o Redentor na Formação e Identidade do Ser Humano

Ronan Henrique de Borba<sup>1</sup>

Acreditando na efemeridade da existência humana, há de se considerar que o homem busca na sua racionalidade, mecanismo e formas para intensificar sua existência e descobrir recursos e meios para viver da melhor forma, os dons que o criador lhe concedeu. Nesse sentido, o autoconhecimento, seguido das escolhas pessoais tornam-se os elementos essenciais para que esse encontre seu caminho e viva a plenitude de sua existência.

De forma particular tentaremos em breves palavras apresentar alguns pontos particulares presentes na vida de jovens que almejam a vida religiosa e após um dis-

---

<sup>1</sup> Ronan Henrique de Borba é natural de Tiros-MG, entrou para a formação na Congregação dos Missionários Redentoristas em 2005, cursando a etapa do Propedêutico em Aparecida-S.P., em 2006, foi para Campinas-S.P, onde experienciou o postulante; graduou-se em filosofia pela PUCCAMPINAS, em seguida foi para Tietê-S.P., onde emitiu os votos na Congregação dos missionários Redentoristas; após essa etapa foi para São Paulo, graduou-se em Teologia no ITESP, residindo um ano no Ipiranga e três anos na Comunidade Nossa Senhora da Esperança no Jardim Sinhá, região da Zona Leste; atualmente é graduado em Direito e professor de História na Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais.

cernimento vocacional partiram para outra forma de vida, sendo que alguns fazem a opção pelo seguimento a Jesus Cristo, mesmo estando fora da comunidade religiosa.

O ser humano por sua própria natureza é chamado ao seguimento do Criador, pelo fato concreto de ter sido criado a sua imagem e semelhança, sendo assim ele já nasce com essa missão, sendo o único meio para atingir sua plenitude. Ao tomar consciência da sua dimensão divina e dessa forma um colaborador e participante na obra da criação, ele busca meios e procura caminhos para se chegar a essa plenitude. Nesse sentido, o discernimento vocacional somado da experiência em uma casa de formação torna-se elementos de grande relevância para que ele possa atingir esse objetivo.

A formação nas casas formação, seja ela, para a Visa Religiosa Consagrada (masculina e feminina), diocesana e ultimamente para os ramos da Comunidades de Vida, busca antes de tudo uma formação humana, onde o vocacionado busca primeiramente o autoconhecimento, de suas características pessoais, como: dons, habilidades, aptidões, fragilidades, limitações entre outros. A partir desse processo o vocacionado tem disponibilidade para assumir seu caminho em uma casa de formação e assim, dar sua resposta e descobrir gradativamente o projeto de Deus para consigo.

O itinerário formativo com base na “ratio formationes” busca trabalhar elementos que ao ser abraçados pelo formando, o acompanhará em toda sua existência, entre esses estão; a as dimensões comunitária, espiritual, humano afetiva, intelectual e pastoral. Para viver de forma intensificada essas cinco dimensões são apresentados meios que facilitarão ao candidato viver esse propósito:

- **Felicidade e Realização:** Permite encontrar o verdadeiro sentido da existência, conduzindo à alegria profunda e à paz interior. Em sua natureza o homem é condicionado á verdadeira felicidade e a realização plena, com isso a estrutura da formação tem como objetivo fazer com que os que nela estão busquem sempre o caminho para sua realização e felicidade plena.

- **Maturidade e Firmeza:** Ajuda a amadurecer as ideias e a fortalecer o compromisso com o chamado, tornando-o capaz de superar desafios. Ao adentrar no mais íntimo de si, proposto pela formação, o formando tenta assimilar meios para chegar a sua maturidade e firmeza de decisões, construindo sua identidade a partir do encontro consigo mesmo e com o sagrado.

- **Ação Preventiva:** O discernimento vocacional baseia-se nas tomadas de decisões sadias e coerentes, onde o candidato tem condições de tomar sadias decisões e atitudes equilibradas condizentes com sua realidade e necessidades.

- **Intimidade com Deus:** O encontro pessoal com o Redentor é um processo que nasce da escuta e oração, fortalecendo a relação com o divino, não é feito de forma momentânea e nem passageiro, mas é feito de forma gradual e autêntica, baseado

primeiramente nos momentos de oração pessoal e comunitária, tendo como base a estrutura e cronograma da comunidade formativa, atingindo assim, a intimidade e proximidade com o Criador, buscando no seu próximo, principalmente nos companheiros de caminhada, o reflexo da presença de Deus em sua vida.

Ao viver essas dimensões, mesmo considerando a fragilidade humana onde o formando terá sempre de reparar e trabalhar pontos que necessite de maior atenção, esse terá segurança de si próprio e poderá apresentar sua identidade nos meio onde esse estará presente, seja no meio acadêmico, no convívio familiar e de forma muito autêntica no campo pastoral. Na Dimensão Pastoral, o jovem irá refletir tudo o que ele vivência na formação, ao mesmo tempo que ele terá no Povo de Deus, um meio para completar sua formação, pois nesse campo ele terá contato com a realidade humana, e ao mesmo tempo que oferece seu trabalho para a comunidade que lhe é confiada, ele também recebe apoio, atenção, carinho, cria vínculos afetivos, muitas vezes capazes de sanar a ausência e a carência de seu ambiente familiar. Sendo assim, o jovem terá de estar aberto às propostas formativas, reconhecendo suas fragilidades e buscando apoio e recursos para deixar se formar, não perdendo sua essência e originalidade, mas colocando seus dons a serviço do Reino, buscando a unidade na diversidade.

Considerando que o seminário, as casas de formação em geral é um espaço de conhecimento e acima de tudo descobertas e proximidade com o sagrado, muitos jovens são conduzidos a trilhar caminhos diferentes do qual já vinham almejando em anos anteriores, deixando a formação e buscando outros rumos em sua vidas fora de seus seminários. Essa nova adesão a um diferente estilo de vida leva o formando a se encontrar em uma situação de grandes incertezas e inseguranças, pois o mesmo deixa uma zona de conforto, onde está sendo amparado, com uma grande estrutura, onde lhe é oferecido tudo de melhor, e acima de tudo ele acaba perdendo seu referencial de um futuro padre, de alguém que está buscando o melhor para si, que deseja viver somente para Deus e para o próximo.

Ao deixar a comunidade formativa, muitos formandos acabam sendo alvo de muitos questionamentos pessoais e externos que acabam levando a um grande desgaste emocional que faz com que o mesmo tenha grandes dificuldades para se encontrar novamente na sociedade e prosseguir sua caminhada.

Há exemplos claros de jovens que ao deixar a formação, não se encontraram na sociedade e acabaram anulando suas existências, vivendo nas dependências de alguém, sem objetivos, perdem sua identidade e seus objetivos para caminhar.

Sobre essa perda da identidade o sociólogo Zygmunt Bauman, ajuda a compreender por meio do conceito da *Modernidade Líquida*, onde o homem acaba perdendo seu referencial identitário, por não ter uma referência, ou seja, a sociedade contemporânea não está apresentando segurança e solidez, nas relações, mas sim uma instabilidade e insegurança que faz que a humanidade de maneira geral não tem onde se apoiar e se ater como referência.

“Modernidade Líquida, que descreve a sociedade contemporânea como fluida, instável e efêmera, contrastando com a “Modernidade Sólida” do passado, caracterizada por instituições e laços mais rígidos e duradouros. Nela, relações, identidades, trabalhos e até o consumo se tornam voláteis, transitórios e dependentes da constante adaptação, gerando insegurança e individualismo, com a lógica do consumo definindo o ser e o ter.” (Bauman – 2005)

Esses fatores acabam afetando diretamente o processo de discernimento vocacional de rapazes e moças que deixam perder seu direcionamento e a motivação que os levaram a procurar e abraçar a Vida Religiosa Consagrada e Sacerdotal, e ao deixar a formação, esses acabam entrando em variadas crises que os fazem anular até mesmo os valores e motivações que levaram de suas casas e de seu ambiente familiar.

Portanto, diante da situação apresentada é de grande relevância que jovens formandos tenham primeiramente uma experiência concreta de vivência e amor por Nosso Senhor Jesus Cristo, e sua causa, que essa seja alimentada diariamente pela oração e orientação de formadores capazes de oferecer ao formando apoio, segurança e testemunho, e que todas as dimensões propostas pela formação, tenha como referência o próprio Redentor.

Entende-se que se a relação entre o jovem a ser formado e a formação for conduzida dessa forma, o autor em questão terá recursos e luzes para enfrentar a vida sacerdotal e religiosa, bem como terá capacidade para enfrentar sua situação leiga, fora da casa de formação, mas sendo conduzido pelo mesmo amor e experiência com o ressuscitado que o fez mergulhar em águas mais profundas.



# O Amor à Cultura e o Desejo de Deus

Ana Lydia Sawaya<sup>1</sup>

Desde os primórdios do cristianismo, homens e mulheres, que buscavam a Deus e eram atraídos pela proposta de vida anunciada por Jesus Cristo, compreenderam a necessidade de estudar, de aprender a ler e escrever, de se dedicar à leitura e meditação das Sagradas Escrituras, em particular os salmos; mas não só, também de conhecer os grandes autores da literatura clássica e da filosofia grega e as suas descobertas sobre o mundo e o ser humano.

A arte, a música e, em particular, a literatura, eram reconhecidamente necessárias para aprofundar, compreender e viver melhor a mensagem cristã. Dentre esses homens e mulheres se encontravam, em especial, os monges e as monjas.

A vida monástica floresce já nos primeiros séculos do cristianis-

---

<sup>1</sup> Ana Lydia Sawaya é monja beneditina camaldolense do Mosteiro da Encarnação em Mogi das Cruzes, SP. Foi professora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) com doutorado em Nutrição pela Universidade de Cambridge e foi pesquisadora visitante do Massachusetts Institute of Technology (MIT). É conselheira do Núcleo Fé e Cultura da PUC-SP.



mo entre homens e mulheres que se sentiam impelidos a viver com radicalidade uma forma de vida de doação total a Cristo e conforme o seu estilo. Para tanto, organizaram-se em comunidades conforme as Escrituras descreviam as primeiras comunidades cristãs, tendo tudo em comum, celebrando a liturgia e meditando as Sagradas Escrituras. Pode-se dizer, então, como afirma o grande historiador do monarquismo, Jean Leclercq, que o amor às letras e à cultura acompanhou, desde sempre, o desejo de Deus.

Com este desejo no coração e seguindo a milenar tradição camaldolense, os mosteiros camaldolenses brasileiros da Transfiguração e da Encarnação deram início em 2023 aos Encontros Culturais Camaldolenses, em parceria com a Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI, da Diocese de Mogi das Cruzes. (para maiores informações: <https://mosteirodaencarnacao.com.br/encontros-culturais/>).

É uma iniciativa pequena e despretensiosa, mas que carrega um grande desejo de oferecer uma oportunidade de encontro e convivência para todas as pessoas que sentem a necessidade de aprofundar a sua fé, conhecer melhor a proposta de vida cristã e o que ela tem a dizer diante dos desafios contemporâneos. Vale lembrar, também, que o desenvolvimento cultural de nossa fé não só nos faz crescer humana e espiritualmente, mas dá vigor ao nosso testemunho, no diálogo com diferentes culturas, religiões e experiências humanas.

### **Um Pouco da História Camaldolense**

Os camaldolenses pertencem à grande família dos monges beneditinos. Nasceram em 1012, a partir da proposta de reforma monástica de São Romualdo que, profundamente inserido nas dinâmicas da igreja do seu tempo, pretendia renovar a dimensão espiritual na igreja, promovendo a vida





solitária em eremitérios e a simplificação da vida comunitária nos cenóbios. Por isso, seus discípulos seguem um estilo de vida simples orientado pela liberdade interior, o amor fraterno e a primazia da procura de Deus, ao mesmo tempo em que formam uma ordem contemplativa aberta às exigências da igreja e da sociedade, com as riquezas e as contradições das suas culturas.

O nome da Congregação surge do eremitério e mosteiro de Camaldoli, localizado no alto das montanhas do centro da Itália que é dividido em duas unidades ligadas entre si: um mosteiro de vida cenobítica e um eremitério. Sua forma de vida floresceu ao longo dos séculos a partir de uma realidade tripartite chamada *tríplex bonum* (três oportunidades): a vida cenobítica, a vida eremítica e o apostolado. É característica da vida camaldolense o amor pela cultura, o diálogo inter-religioso e a hospitalidade.

No Brasil existem dois mosteiros camaldolenses: o Mosteiro da Transfiguração (1988), comunidade masculina, e o Mosteiro da Encarnação (1994), comunidade feminina. Estão localizados na zona rural do Município de Mogi das Cruzes e, embora sejam dois mosteiros independentes, compartilham do mesmo espírito camaldolense, codividindo frequentemente a liturgia, a *lectio divina* e as atividades de apostolado. É particularmente cara, aos monges e monjas camaldolenses, a prática da leitura orante da Bíblia (*lectio divina*) e sua condisão semanal com hóspedes e visitantes.

### **Referências:**

ENCONTROS CULTURAIS CAMALDOLENSES. Disponível em:

<https://mosteirodaencarnacao.com.br/encontros-culturais/>.

LECLERCQ, J. **O amor às letras e o desejo de Deus**. São Paulo: Paulus, 2012.



## Aprendendo Com o Passado – Retrospectivas –



Domingos Zamagna<sup>1</sup>

No início do ano, costumamos fazer uma revisão do passado e nos dispomos para um futuro mais esperançoso. Uma revisão que pode nos ajudar na caminhada, mas infelizmente, pode também, ser francamente desviante. A mídia tenta nos ajudar nessa tarefa.

Mas todos os anos – acabamos de verificar – acaba sendo a mesma cantilena. Anunciam-se Natal, Ano Novo com os mesmos clichês. Temos que evocar, aqui, o chamado “princípio de economia”. A previsibilidade, a redundância é tal que nem precisamos ler, ouvir ou ver o que se publica. Um brinde do mais do mesmo. O tempo é escasso, não vale a pena nos ocupar com irrelevâncias.

---

<sup>1</sup> Domingos Zamagna, é exseminarista dominicano, jornalista profissional, escritor, cineasta, professor de Filosofia, titular da Cadeira nº 28 da Academia Cristã de Letras. Conhecido por seu trabalho na área de educação, cultura e espiritualidade.

Somos abastecidos com a orgia dos números. Como se a quantidade necessariamente alterasse a qualidade.

Alguns veículos – uns copiando os outros – esquentam os motores com as famosas retrospectivas. Sabemos que muitas produções da imprensa atendem mais às necessidades dos departamentos comerciais, publicitários, das empresas e dos governos, do que uma paixão pela informação de qualidade. Os repórteres, os redatores fazem o que podem, mas não escapam da camisa-de-força, do pente fino dos editores, das chefias, dos donos/acionistas das empresas. É sabido que a maioria dos brasileiros é alimentada pelas pautas impostas por cinco ou seis famílias.

O assunto é longo. Mas gostaria de chamar a atenção para o que se vem chamando de retrospectiva. A seleção e numeração de fatos poderiam ser seguidas de avaliações com competência e dignidade, sem precisar imitar um álbum de figurinhas ou uma fogueira de vaidades dos mais famosos, dos mais bem pagos.

O que mais preocupa, porém, é a concepção de história que sustenta o palavreado e as imagens (nada como um bom e rendoso arquivo morto), a partir de um cenário glamouroso onde até as catástrofes são recordadas com um sorriso. Nessa concepção de história, tudo parte de cima, uma pirâmide sem base: as guerras, as concentrações da riqueza, a corrupção, o grandioso para esconder o pequeno. Por exemplo: Não existe África, parece que ali não há vida, não aconteceu nada; não existe vida operária, sindical, voluntariado, conquistas espaciais que estão revelando um universo desconhecido; esqueceram até do agronegócio, que repetidamente se diz ser o motor da economia.

Gravíssima a omissão dos fatos relevantes do mundo educacional e sanitário, revelando o descaso com parte substantiva de nossa realidade. Todos os anos, os institutos especializados anunciam quantos morrerão de fome, de câncer etc. E sabemos que isso não é fruto do acaso, muitas vezes é consequência de planejamento obscuro.

É claro que não podemos ignorar os fatos ruidosos. Mas seria pedir demais que se atentasse para o que vai além das lantejoulas, dos ouropéis, do coruscante?

O conjunto dos fatos parece não ter hierarquia nem relevo, tudo se afigurando no mesmo nível. Não deveria ser necessário buscar alternativas em outros países longínquos para que entre nós se desenvolvesse uma mídia capaz de explicar a dinâmica e a evolução dos sistemas complexos, as retroações, os equilíbrios, as diversidades. A sabedoria dos simples vem se dedicando a este saber. Por que a ciência analítica entre nós, tantas vezes, tende a se acomodar com as platitudes?

Trata-se de uma visão fundamentalista da história, que não discerne o âmago dos acontecimentos, nivelada ao que há de mais retrógrado e violento. Seria pedir demais aos editores de plantão uma leitura de Teilhard de Chardin, um paleontólogo que conheceu tão profundamente o passado a ponto de poder intuir sua cosmogênese. Isso suporia um mergulho na periodização da história, na organização da matéria, na biologia genética, na psicologia das ideias etc. Mas é aí que

as grandezas mudam de aspectos, estado ou natureza. Sem precisar ir tão longe, será que não houve nada de significativo entre as professoras e professores do Brasil, aos quais não se costuma dar visibilidade? Dos trabalhadores que, com tão pouca terra, conseguem produzir alimentos abundantes e de qualidade? De comunidades indígenas que lutam pela preservação das florestas brasileiras? De comunidades periféricas inventivas na alfabetização e promoção da cultura? Os exemplos são incontáveis, obviamente para quem desejasse descobrir as forças vivas de uma nação.

Não posso deixar de assinalar, para concluir estes poucos exemplos, que existe no mundo um dinamismo hoje quase oculto, muitas vezes desdenhado, votado à instrumentalização ou ao esquecimento dos poderosos, e até perseguido, que são as religiões. Falo de religiões e não de simulacros de religiões. Estão entre as principais gestoras de fatos novos, fecundando os povos com um fermento de vida. De seu seio brotam fatos e processos que ultrapassam os exibicionismos dos brig-brothers, a fugacidade novelesca, a inconsistência das pirotecnias ideológicas. Elas guardam memórias de um passado não esquecido, mas restaurador do tecido da humanidade, pelo perdão e pelo amor, que abriga aquilo que Charles Péguy (1873-1914) chamou de “uma margem do futuro do lado do presente” (*ce bord de l’avenir du côté du présent*). A memória pagã leva ao esquecimento; a memória cristã conduz ao comprometimento.





# A Estrela Verde

Mauro Paulino de Moura<sup>1</sup>

Era uma vez... Milhões de estrelas no céu. Havia estrelas de todas as cores e tamanhos: brancas, lilases, prateadas, douradas, vermelhas, brancas e azuis.

Determinado dia, elas procuraram o Senhor Deus Todo Poderoso, o Senhor do Universo, criador de todas as coisas e disseram-Lhe:

— Senhor Deus, gostaríamos de viver na terra, entre os homens.

— Assim será feito, respondeu o Senhor. Conservarei todas vocês pequeninas como são vistas. Podem descer a terra.

Consta que, naquela noite, houve uma linda chuva de estrelas. Algumas se aninharam nas torres das Igrejas; outras foram brincar de correr com vaga-lumes nos campos; outras se misturaram aos brinquedos das crianças e a terra ficou maravilhosamente iluminada.

Porém, passado o tempo, as estrelas resolveram abandonar os homens e voltar para o céu, deixando a Terra escura e triste. E assim partiram e chegaram ao céu.

— Por que voltaram? Perguntou Deus, à medida que iam chegando ao céu. As estrelas respondiam:

---

<sup>1</sup> Mauro Paulino Moura frequentou seminário redentorista de 1970 a 1977, Santo Afonso e Santa Terezinha; reside em Barbacena-MG; é graduado em direito; atuou como advogado e defensor público.

— Senhor, não nos foi possível permanecer na terra. Lá existe muita miséria e violência, muita maldade, muita injustiça. Os homens se matam por ganância, por inveja...

E o Senhor lhes disse:

— Claro! O lugar de vocês é aqui, no céu. A terra é o lugar do contraditório, daquilo que passa, daquele que cai, daquele que era, daquele que morre, nada lá é perfeito. E Deus continuou: Criei o Universo e todas as coisas; e por último criei o homem e dei poder a ele para habitar a face da terra; dei-lhe a inteligência e discernimento para governar sobre a terra. E o homem traiu esta confiança e pecou contra Deus, e vivem neste martírio. E assim vivem na luxúria e nos prazeres da terra, disputando uns contra os outros, para serem mais poderosos. Lá nada é perfeito. O céu é o lugar da perfeição, do imutável, do eterno, de paz, onde nada perece.

Depois que chegaram todas as estrelas e após conferir uma por uma, Deus falou de novo:

— Mas está faltando uma estrela. Perdeu-se no caminho? Um anjo que estava perto retrucou:

— Não Senhor Deus, uma estrela resolveu ficar entre os homens. Ela descobriu que seu lugar é exatamente, onde existe imperfeição, onde há limite, aonde as coisas não vão bem, onde há disputa, luta e dor.

— Mas que estrela é esta? - Voltou Deus a perguntar.

— É a Estrela da Esperança, Senhor.

— E qual a cor dessa estrela? Insistiu Deus. E o Anjo respondeu:

— É verde, Senhor. É a única estrela dessa cor.

E quando olharam para a terra, a Estrela lá não estava só. A terra estava novamente iluminada, com vida nova, protegida; porque havia uma Estrela Verde no coração de todas as pessoas que habitavam a face da terra. Pois o homem tem como único sentimento, a esperança; e Deus não tem. Deus é nossa esperança. Deus é presente; não é passado, nem futuro. A Esperança é própria do ser humano; própria daquele que era, que não é perfeito. Daquele que planeja, mas não sabe qual será seu futuro. Portanto, além da esperança, precisamos da fé como alimento.

Termino com uma oração: Jesus Cristo e nosso Pai aumentem minha fé. Dai-me a graça da pureza d'alma, para que me alimentando do Vosso preciosíssimo sangue e da Sua preciosíssima carne, eu possa viver com alegria e fazer a vossa vontade em qualquer lugar que me encontrar, a cada dia de minha vida enquanto aqui na terra; seja no trabalho, na rua e na família. Amém!



*Mauro Paulino de Moura*



# SEMINÁRIO SÃO JOSÉ LEMBRANÇAS/SAUDADE

Marçal Sebastião

Sentado frente ao computador, aquele senhor, peregrino das montanhas e dos vales da vida, volta os ponteiros do tempo e dá asas à imaginação.

Anos, lustros, décadas, tudo, como que filmado, vai se desenrolando na enorme tela da imaginação.

Idos de 1956, cidade de Goiânia, bairro de Campinas. Ali, plantado na planície ensolarada, está o Seminário Redentorista São José. Foi aí que chegou o menino de calças curtas e olhar tímido, franzino e desconfiado, trazido do interior de Goiás pelas mãos dos padres missionários redentoristas.

No pensamento, alicerçado que fora na fé católica, o propósito de servir plenamente a Deus, como pastor de almas. Assim, pronto estava para trilhar o árduo caminho rumo ao sacerdócio.

---

<sup>1</sup> Marçal Sebastião nasceu em 1942, Caculé/BA; estudou nos Seminários Redentoristas São José, Goiânia/GO, e Santo Afonso, Aparecida/SP, 1955 a 1960; é graduado em Letras e em Direito pela PUC/GO, possui pós Graduação em Docência Universitária; foi professor na PUC/GO, por 37 anos, onde lecionou Língua Portuguesa, Linguagem e Redação Jurídica e Direito Constitucional, hoje aposentado; foi Assessor da Federação das Indústrias do Estado de Goiás por 42 anos; é casado, tem 04 filhos; é membro da Liturgia do Idoso, de ações da Paróquia Jesus Maria José, no Parque Anhanguera. Em Goiânia/GO, onde mora atualmente.

Tudo o marcava: as missas - ajudar os padres a celebrá-las era como se já soubesse falar em Latim- os terços rezados na capelinha ao cair da tarde, com suaves hinos à Nossa Senhora, o passeio pelo pátio aberto, exercitando a meditação, que paz, que doçura e, hoje, que melancolia!

O seminário era quase uma fazenda. Belo pomar: laranjas jaboticabas, bananas, mexericas, e até um estranho Mangustão.

O campo de futebol era entre frondosas mangueiras com as quais às vezes o “atleta” tinha que tabelar para chegar ao gol. Ali, também, jogava-se “General”, recreação própria dos Redentoristas.

A piscina era de água corrente, foi nela que o menino aprendeu a nadar.

Às vezes o Pe. Neves levava a turma para tomar banho no Rio Anicuns, que cortava uma das chácaras da Congregação. E até passeios nas fazendas das redondezas, principalmente de Bela Vista, eram feitos.

Tal qual o poeta, aquele garoto “era feliz e não sabia”.

Nas salas de aula do velho casarão recebia os ensinamentos de mestres que abdicaram de sua vocação missionária para conduzir os chamados de Deus no caminho das letras, das artes e da ciência. A educação, a formação do homem íntegro, verdadeiro e pleno, assim como foram Santo Afonso, São Clemente e São Geraldo, era o complemento, não deixando de ser essência.

A vida estudiosa e abençoada ia marcando a vida do menino.



O Seminário São José foi apenas a primeira etapa. Três anos mais tarde, juntamente com outros sete colegas, ele, agora já mudando a voz, voava para São Paulo, Aparecida, Seminário Redentorista Santo Afonso, para dar continuidade aos estudos rumo à formação plena.

Marçal Sebastião





# Tio João

Gilberto Alves Rodrigues<sup>1</sup>

**H**oje, eu resolvi contar a história de meu tio João. Eu era criança e me lembro bem dele. Poderia ser um tio como tantos outros. Mas era o meu tio João, que aprendi a admirar.

Ainda pequeno em Alvinópolis/MG, ele gostava de colocar a gente em sua novíssima variant e rodar à vontade pelas ruas e ladeiras da cidade natal de minha mãe. Um picolé ou um sorvete sempre vinham bem. Eu admirava meu tio quando ele estava fardado. Além de meu tio, ele era coronel da Polícia Militar e eu sonhava um dia estar dentro daquela farda.

Meu tio também tinha uma alma muito generosa e como cuidava de sua mãe, minha bisavó querida, que chamávamos de Vó Elvira! Ela faleceu com os seus cento e quatro anos. Nasceu no século dezenove, viveu no século vinte e morreu no século vinte e um. Bela vida a da minha avó! Meu tio morreu na maturidade de seus anos, em um acidente de automóvel. Ele estava trabalhando. A gente nem podia falar muito dele. Os olhos de minha avó se enchiam de lágrimas.

---

<sup>1</sup> Professor de filosofia; trabalhou 30 anos no TJMG, oficial de judiciário; foi seminarista redentorista na década de 80 em Juiz de Fora, MG.

Mas meu tio sempre cuidou bem de sua família. Com dificuldades, foram morar em Belo Horizonte/MG. Imagine uma família grande e com poucos recursos. Meu tio se desdobrava.

Lembro-me de algo muito engraçado que marcou a sua vida. Dia de domingo, na casa de minha avó, como na maioria das famílias mineiras, é o dia do franguinho; assado, frito, ou, de preferência, com quiabo, para comer com angu, arroz e feijão. Era uma família grande para um franguinho só. As coisas estavam difíceis, naquela época.

Todos comiam e meu tio João sempre ficava por último. Sobrava o pé-de-galinha. Naquele tempo, meu tio João não teve o gosto de comer uma bela coxa ou uma aposta. Mas ele nem ligava. Comia calado e satisfeito. Tão satisfeito, que todo mundo achava que meu tio João adorava comer um pé-de-galinha.

Minha querida vó ralhava com a irmandade. Coitada! Amava tanto o filho que queria agradá-lo. Podiam comer o frango todo. Mas o pé-de-galinha tinha que ficar para meu tio João.

Foi assim que meu tio João viveu e eu tenho tantas saudades dele. Vó Elvira só ficou sabendo que meu tio João não gostava tanto de pé-de-galinha mais tarde, quando a família já estava criada.


Esta é minha homenagem para o tio João, que comeu pé-de-galinha para ajudar a criar sua família. Fez a sua parte. O mundo talvez fosse melhor, se nos lembrássemos com carinho de tantos outros, como o meu tio João, que nunca se importou em comer pés-de-galinha, para ver a felicidade de sua gente.



Gilberto Alves  
Rodrigues

Nunca se esqueçam: amem, valorizem aqueles que, em sua longa jornada da vida, comeram pés-de-galinha para que você chegasse até aqui!





# “Por Causa de Uma Tripa, Perde-se Uma Barrigada”.

José Ribeiro Leite - Paraíba<sup>1</sup>

## Introdução

Cuidar de tripa e barrigada. Você conhece esse ditado popular? Já fez uso dele em alguma ocasião e lugar. Pode ser que você já tenha ouvido, gostado e até concordado com a mensagem implícita. Talvez você já tenha, por causa de uma tripa, até perdido uma barrigada e, quem sabe, até cuidado da barrigada, não a jogando fora por causa de uma tripa.

Eu conheço há algum tempo. Gosto dele e já o usei em vários momentos e circunstâncias. Foi incorporado à minha vida por volta de 1974, quando eu ainda era adolescente, tinha meus 14 anos de idade. Costumo aplicá-lo no dia-a-dia, fui até mais longe, entendendo que também **não devemos perder a barrigada por causa de uma tripa.**

Aprendi na prática, muito cedo, a lhe dar com tripas e barrigadas. Era preciso cuidar direitinho para não perder nem uma nem outra. Apesar dos cuidados, às vezes, o pior acontecia. Um descuido, a lambança ou a sujeira estava feita. Apesar do cuidado, acontecia de romper uma tripa. Daí era preciso limpar a barrigada cuidadosamente para não perdê-la.

<sup>1</sup>José Ribeiro Leite, Paraíba, é casado, tem um casal de filhos; membro da UNESER, professor aposentado; licenciado em Filosofia, mestre em educação; cinco anos enquanto seminarista redentorista, 86 a 88 no Seminário Santo Afonso e 89-90 em Garça, SP.

Não são poucos os que não cuidam devidamente da tripa, bem como os que não cuidam da barrigada, embora devessem. Por exemplo, a violência no trânsito. Cada vez mais acontecem brigas motivadas por intolerância, discussões banais ou disputas de espaço, que tem resultado em agressões físicas e até em mortes. Divergências que acabam em cancelamentos de amizades.

Por essas e outras razões resolvi escrever sobre essa questão, com a intenção de: ajudar o leitor a compreender a importância desse ditado no dia-a-dia; incentivar o leitor a perceber que é necessário ter mais atenção e cuidado com coisas aparentemente menores, de menor valor (tripas), para não perdemos o que há de melhor, de maior valor e importância (barrigada); mostrar que é necessário ter maior cuidado, prudência e destreza ao lidar com a barrigada, que não devemos perdê-la por causa de uma tripa, detalhes.

Sabe-se que não são poucas às vezes em que, por alguma razão, a tripa rompe e causa danos a barrigada. Esta, por sua vez, acaba sendo desperdiçada, jogada fora, também por falta de cuidados. Por exemplo, um relacionamento acabado terminou em suicídio. Por isso, essa reflexão também tem por objetivo mostrar que é necessário ter maior cuidado, prudência e destreza ao lidar com a barrigada. Não podemos perdê-la por causa de uma tripa.

## **01 – Domingo, Dia de Feira**

Em Mogeiro, PB, o domingo era um dia de muitas atividades: dia de feira, missa, almoço caprichado, cachaça, briga, futebol, descanso, trabalho, negócios etc. A feira era o evento principal. Embora pra gente o domingo fosse considerado dia santo, muitos tinham que trabalhar, principalmente os feirantes e comerciantes.

Eu era um desses que trabalhavam muito aos domingos. Mesmo o domingo sendo considerado dia santo, meu dia de trabalho começava muito cedo e terminava muito tarde. Iniciava por volta das duas da manhã e terminava, quase sempre, por volta das 17 horas. Fazia de tudo um pouco. Domingo era o dia de ganhar algum dinheiro e alguns alimentos extras.

Revisitando o passado eu conto essa experiência que aconteceu durante uns três anos, dos 14 aos 16. Das tantas atividades desenvolvidas aos domingos, conto uma, a primeira do dia, que tem a ver com o título desse texto, que foi incorporada a minha vida, quando eu ainda era adolescente, e que me faz bem.

Minha primeira experiência com esse ditado ocorreu na adolescência, quando eu segurava o **lampião/candeeiro para iluminar** o trabalho do marchante, para que esse matasse o boi, tirasse o couro, abrisse boi, tirasse a barrigada e outros órgãos. Tudo era feito com muito cuidado. Cuidar do todo exige, antes de tudo, cuidar das partes.

Foi ali, naquela época, que eu ouvi pela primeira vez, na prática, o marchante me dizer algo que mais tarde conheci como um ditado popular: ilumina aqui para eu não cortar a tripa e acabar estragando a barrigada. Mais ou menos com essas palavras, estava dada a lição, era preciso tomar cuidado com a tripa para não perder a barrigada.

Em síntese, matava-se o boi, tirava-se o sangue, o couro, a barriga, os miúdos, o pescoço, a cabeça, o rabo e os mocotós. Descortejava-se o boi e levava-se para a feira.

O restante era levado para o açude, onde era feito os procedimentos de separação e higienização das vísceras, que também eram vendidas na feira.

Tinha um pessoal que comprava as vísceras para revender. Então, às vezes, terminando o serviço de matança do boi, **eu ia ajudar a iluminar** e limpar a barrigada de bois, porcos e cabritos. Era preciso muito cuidado ao separar e limpar as tripas, o bucho, esôfago, coração, fígado, pulmão, rins.

Mas, apesar dos cuidados, por um vacilo, pouca luz, a faca escapava, pegava no lugar errado e acontecia o pior, a sujeira estava feita, para não dizer outra coisa. Restava **iluminar bem**, e com rapidez e habilidade limpar tudo direitinho para não perder a barrigada. E o pior, **a iluminação e a água eram poucas**, o que comprometia a higienização.

Quando o pior acontecia o dono ficava muito bravo e chamava nossa atenção. Ele dizia: já que aconteceu, limpem a sujeira feita, direitinho e rápido, não podemos perder a barrigada por causa de uma tripa. A limpeza era feita e antes das 5 da manhã esses miúdos já estavam expostas nas bancas à espera dos compradores.

Assim começava o meu domingo, dia de feira e de tantas outras coisas. O dia começava cuidando de tripas e barrigadas. Em troca eu ganhava uma cumbuca de sangue, ou um pedaço de fígado, de tripas ou de bucho. E assim a tripa e a barrigada foram fazendo parte da minha alimentação e da minha vida.



## 02 – Entendendo e Aplicando o Ditado

Para melhor entendimento do ditado e da mensagem implícita, convém explicar esses dois termos, **tripa e barrigada**, no contexto dessa reflexão. A **barrigada** representa o conjunto, o todo, algo maior ou de maior valor. Já a **tripa** representa uma parte pequena, um detalhe, algo menor, de pouco valor ou de valor menor.

O ditado ensina que um pequeno erro, um fragmento, um detalhe insignificante ou uma pequena parte de algo, **a tripa**, pode arruinar e levar a perda do todo: um projeto grande, uma refeição inteira, uma oportunidade importante, uma grande amizade, um serviço promissor, um curso, uma carreira profissional, uma vida etc, **a barrigada**.

No ditado em apreço a tripa é o foco. A atenção é dada a tripa, aos pequenos detalhes, para que o todo não seja perdido, arruinado. Mas eu também costumo fazer outra leitura desse ditado e usá-lo de forma diferente, quando quero orientar minhas escolhas ou aconselhar outras pessoas com barrigada afetada pela tripa: “**não devemos perder a barrigada por causa de uma tripa**”.

Esta frase parece ser igual a anterior, mas tem outro sentido. O foco é outro, não desperdiçar **a barrigada**, o todo, algo maior, de maior valor. Nesse caso o foco está no todo. A atenção deve ser dada ao todo, não perder algo maior por causa de algo menor.

No primeiro caso temos uma espécie de raciocínio indutivo onde o cuidado é pensado do particular para o geral, cuidar da parte para não perder o todo. É como se o ditado estivesse falando: cuidado com os detalhes e seus efeitos, com o que parece ter menor valor. Exemplo: o uso exagerado de pimenta, sal /arruinou a refeição inteira.

Já no segundo modo de entender e aplicá-lo, temos uma espécie de raciocínio dedutivo, do geral para o particular. Foco no todo, o mais importante é proteger o todo, partir do todo. Empenhar-se para proteger e preservar o todo, o que tem maior valor. Exemplo: o médico não deve ser exonerado do cargo/ por ter errado num diagnóstico.

Pois é, confesso que aprendi muito com a experiência relatada. Não cabe aqui contar os diferentes aprendizados. Atenho-me a tripa e barrigada, de onde extrai uma grande lição para vida, que me acompanha até os dias atuais: cuidar da tripa para não perder a barrigada, mas também, cuidar da barrigada, não perdê-la por causa de uma tripa.

Muitas vezes, em muitas situações, em muitos lugares, onde vivi, estudei, trabalhei, me diverti, rezei, atuei, fiz e faço uso desse ditado popular. Faz parte da minha formação. Confesso que me ajuda e que me faz bem. Nem sempre os efeitos das nossas escolhas e ações são os melhores, erramos. Mas também podemos corrigir e recomeçar.

Da prática a teoria ou da teoria a pratica, é bom ouvir, relembrar e enfatizar a sábia lição dada pelo marchante: **ilumine** aqui para não cortar a tripa, e depois, quando o pior acontecia, dizia ele: já que aconteceu, **ilumine** direitinho para limpar bem a barrigada, não podemos perdê-la por causa de uma tripa.

A luz é condição necessária a redução de erros e cuidadosa higienização.

Confesso que eu não tinha a devida consciência do tamanho da importância do meu trabalho, segurar o lampião/candeeiro e **iluminar**. Talvez eu não soubesse a dimensão da parte em relação ao todo. O certo é que a tripa e a barrigada tem muito valor. Portanto, merece bastante cuidado.

Pois bem, segure o candeeiro, coloque querosene, puxe o pavio e ilumine a vida cuidadosamente. Seja atento, cuide da vida com atenção, clareza e cautela para que o pior não aconteça, para que a barrigada seja protegida e preservada. Mas se acontecer o pior, redobre o cuidado, **busque mais luz**, não importa se o querosene/combustível venha dos **amigos, de Deus ou da Ciência**. Não se desespere, seja paciente, cauteloso, humilde, cuide. A vida é a maior das barrigadas, não a desperdice por causa de tripas.